



## Leica. A máquina mais perfeita do mundo

Passa um século sobre um dos primeiros protótipos da marca que testemunhou o século XX.



Diz-se que o momento em que a Leica apareceu, no início do século XX, moldou para sempre a forma como o século ficaria gravado na memória colectiva. A verdade é que não há nisto ponta de exagero, e a pequenina câmara foi tão revolucionária quanto esta epígrafe universal pretende. Este ano celebra-se o centenário de um dos seus primeiros protótipos, a Ur-Leica.

A história da Leica - que desde 1973 tem em Farnborough a única unidade fabril fora da Alemanha, e onde, ainda hoje, são produzidos 90% do conteúdo de cada máquina - é tão genial quanto pouco provável. Recuemos a 1911, à pequena cidade alemã de Wetzlar, ano em que o engenheiro Oskar Barnack se estreava na fábrica de óptica Ernst Leitz Optische Werke. Na verdade, a fábrica em questão nada tinha a ver com fotografia. Barnack dedicava-se à feitura de microscópios destinados à investigação científica. No entanto, a sua paixão por cinema e fotografia levá-lo-iam a conceber um novo dispositivo fotográfico. Há que lembrar que nesta altura a fotografia requeria muito mais que habilidade técnica: os aparelhos eram grandes, pesados, difíceis de transportar, o que condicionava todas as possibilidades de captação. Uma outra condicionante levou Barnack até à Leica. Por sofrer de asma aguda, carregar as ditas câmaras fotográficas tornava-se demanda extenuante para um engenheiro que, impelido pela paixão pela fotografia, carregava estes aparatos técnicos para todo o lado.

Oskar Barnack encontraria na película de 35 milímetros, na altura utilizada nas câmaras de filmar, o meio de gravação leve que procurava. A partir daqui bastar-lhe-ia conceber uma câmara capaz de manejar esta fita. Surge assim o primeiro modelo de máquina de pequeno

formato, feita de metal, que incorporava apesar de tudo lentes de incrível definição (de modo que as fotografias pudessem ser ampliadas sem perdas de qualidade), criadas por Max Berek, um génio da óptica, colega de Barnack na Fábrica Leitz. Viriam a tornar-se as famosas Elmar.

Cabendo na palma de uma mão e no bolso de um casaco, assim nascia a Leica (junção das primeiras três letras da fábrica Leitz com as duas primeiras da palavra câmara), com uma perfeição técnica que a poria no patamar das câmaras fotográficas.

Apesar de os primeiros dois protótipos da Leica recuarem a 1914 (com uma experiência embrionária ainda no final de 1913), o início da Grande Guerra retardaria a comercialização da mesma, que só viria a acontecer em 1925, numa versão ainda mais sofisticada. Uma vez na rua, tudo mudaria. Grande número das fotografias de Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, Ben Hardy, Josef Koudelka, Nick Ut, Alberto Korda, entre muitos outros fotojornalistas, que contam a história do século xx, do Vietname à revolução cubana, foram capturadas pela Leica. John Naughton, fotógrafo e crítico de tecnologia do jornal britânico "The Guardian", escrevia a propósito deste centenário: "A Leica transformou o género embrionário do fotojornalismo. De repente tornou-se possível ser discreto. A fotografia tornou-se fluida, informal, íntima: a tecnologia deixou de ser um obstáculo a contar uma história. No coração do fotojornalismo está a Leica. E praticamente todos os grandes fotojornalistas desse período tinham uma na sua mala."

O caminho da Leica é também feito no futuro, como o prova a mais recente digital Leica M-P type 240.

**Carolina Pelicano Falcão**